



# ORGANIZAÇÃO E VOLUME DE TRABALHO DE DOCENTES DOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL NO BRASIL: EVIDÊNCIAS A PARTIR DO CENSO DA EDUCAÇÃO BÁSICA DE 2013

## *ORGANIZATION AND WORK LOAD OF TEACHERS IN THE FINAL YEARS OF THE BASIC SCHOOL IN BRAZIL: EVIDENCES PROVIDED BY THE BASIC EDUCATION CENSUS OF 2013*

GABRIELA MORICONI<sup>1</sup>  
gmoriconi@fcc.org.br

NELSON GIMENES<sup>2</sup>  
ngimenes@fcc.org.br

LISANDRA MARISA PRÍNCIPE<sup>3</sup>  
lisandramprincipe@gmail.com

### RESUMO

O texto investiga a organização e volume do trabalho dos docentes que lecionam nos anos finais do ensino fundamental em todo o Brasil, por meio da análise dos microdados do *Censo Escolar* de 2013. Constatou-se que há uma diversificação na organização do trabalho e diferenças significativas entre o número de turmas e de alunos para cada docente. Professores com atuação exclusiva no EFII tendem a ter uma situação melhor de trabalho no que diz respeito ao número de turmas e total de matrículas quando comparada com a dos professores que também lecionam em outro nível de ensino, sobretudo dentre aqueles que estão no EFII e EM. Foram identificadas melhores condições de trabalho entre os professores que lecionam exclusivamente em uma rede de ensino e em uma unidade escolar. Por outro lado, as situações de trabalho menos desejadas em termos de número de turmas e de alunos são daqueles que atuam no EFII e EM e em mais de uma escola.

**Palavras-chave:** Volume de trabalho do professor • Anos finais do Ensino Fundamental • Censo Escolar

### ABSTRACT

The text investigates the organization and work load of teachers who work in the final years of the basic education in Brazil via the microdata analysis provided by the School Census 2013. One founded that there is a diversification in the work organization and significant differences between the number of school classes and students to each teacher. Teacher who work exclusively at the second grade of the basic education (*EFII*) tend to have a better work condition as far as the number of school classes and total enrollment of students number are concerned compared to teacher who also teach in other levels of education, mainly among the ones who are located at the second grade of the basic edu-

1 Fundação Carlos Chagas.  
2 Fundação Carlos Chagas.  
3 Fundação Carlos Chagas.



cation (*EFII*) and high school (*EM*). One identified better work conditions among teachers who work exclusively in one single school chain and in one single school unit. On the other hand the less desired work conditions as far as the number of school classes and students are concerned were of the ones who work in both *EFII* e *EM* and in more than one school.

**Keywords:** Teacher workload • Final years of the basic education • School Census

## INTRODUÇÃO

Na literatura sobre o trabalho docente no Brasil, a quantidade de turmas e alunos com os quais o professor trabalha é recorrentemente apresentada como parte integrante de suas condições de trabalho. Dado que os números levantados nas pesquisas são consideravelmente altos, o volume de trabalho docente gerado a partir deles é apresentado como uma evidência da precarização do trabalho, sendo comumente estudado em termos dos seus efeitos sobre a saúde dos professores.

Embora os estudos encontrados sejam relevantes no sentido de levantar e explorar a questão da organização e do volume de trabalho docente, as tendências metodológicas das pesquisas focaram, quase que exclusivamente, em situações muito específicas, com predomínio de pequenas amostras de sujeitos, em contextos muito particulares.

Diante disso, o presente trabalho visa apresentar a quantidade de turmas e de alunos de docentes que lecionam nos anos finais do ensino fundamental em todo o Brasil, analisando as diferenças entre as condições enfrentadas por professores dadas as diferentes características da organização do seu trabalho. Trata-se de números que impactam diretamente no volume de trabalho desses docentes, um fator relevante tanto do ponto de vista da qualidade do trabalho que o professor poderá desenvolver, quanto na sua satisfação profissional e qualidade de vida.

O texto baseia-se na análise dos dados do Censo da Educação Básica de 2013. A escolha pela análise da quantidade de alunos e turmas dos professores que lecionam nos anos finais do ensino fundamental deve-se ao fato de que é justamente nessa etapa de ensino que os alunos passam a ter aulas com professores especialistas em disciplinas específicas e, por consequência, os professores passam a ter maiores números de turmas e de alunos. A análise da quantidade de alunos e turmas dos professores que lecionam no ensino médio também segue essa lógica e faz parte de etapas posteriores a esta pesquisa.

## REVISÃO DE LITERATURA

A única publicação com dados em nível nacional encontrada sobre as condições de organização do trabalho docente no Brasil foi o “Estudo Exploratório sobre o professor brasileiro com base no Censo Escolar da educação básica, 2007”, publicado pelo INEP em 2009. Nela são encontrados, entre outros, dados sobre a quantidade de turmas nas quais os professores lecionavam. No entanto, o estudo trouxe apenas uma breve visão das possibilidades de exploração do tema que a atual estrutura dos dados do Censo Escolar da Educação Básica oferece.

Na literatura sobre as condições de organização do trabalho docente no Brasil, predominou a discussão de um trabalho docente precarizado, especialmente, sob a ótica da intensificação das demandas profissionais promovidas em alguns casos



pelos reformas educacionais ou transformações sociais. O volume de trabalho dos professores não foi o centro das investigações, mas emergiu nos resultados das pesquisas sobre as condições de trabalho.

No exame dos estudos realizados por pesquisadores da Rede Latinoamericana de Estudos sobre Trabalho Docente (Rede Estrado), que são representativos de uma ou mais redes de ensino, a precariedade das condições de trabalho, destacada pelas jornadas de trabalho duplas ou triplas, carga horária de trabalho e elevado número de alunos nas turmas, foi registrada em artigos da autoria de Miranda (2006), Dias-da-Silva e Fernandes (2006), Santos (2006) e Monfredini (2006).

Uma das abordagens mais frequentes nos estudos sobre o tema se encontra na área da saúde com investigações relacionadas à síndrome de *burnout*, estresse ocupacional, ergonomia, além de análises de caráter psicológico e suas relações com as condições de trabalho dos professores.

Lopes e Pontes (2009), trabalhando com 40 professores do ensino fundamental e médio da rede particular e rede estadual da cidade de Maceió, Alagoas, verificaram uma associação positiva entre número de turmas e carga horária em relação à dimensão emocional. Quanto maior o número de turmas e, conseqüentemente, maior a carga horária de trabalho do professor, haveria maior tendência da elevação do desgaste emocional.

Neves (2008), em uma pesquisa com 601 professores de escolas públicas estaduais e municipais de ensino fundamental e médio da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, observou que quanto mais variado o trabalho docente em termos do número de turmas, turnos e escolas, maior

o volume de trabalho e mais esforço intelectual. Nesses casos, o desgaste emocional seria muito maior, o que justificaria a sobrecarga mental e conseqüentemente a exaustão e perda do sentido do trabalho.

Rodrigues (2009) analisou os fatores relacionados ao contexto pedagógico que implicam no trabalho e na saúde de 357 professores do ensino fundamental e médio da rede estadual de Curitiba, Santa Catarina, que se afastaram do trabalho por problemas de saúde. A autora concluiu que a tendência para o adoecimento poderia ser explicada devido à carga excessiva de trabalho e diversidade de turmas, fatores que intensificavam o trabalho do professor.

Na mesma linha de Rodrigues, Maia (2010) analisou as condições de trabalho de 29 professores do Ensino Fundamental I e II, da rede municipal de Sorocaba, a partir dos motivos revelados em 62 licenças médicas referentes a transtornos mentais e de comportamento. As conclusões do estudo apontaram para uma concentração de afastamentos dos professores que atuavam no Ensino Fundamental II, pois lecionavam para um número maior de turmas, tinham um número maior de alunos e, conseqüentemente, possuíam uma carga de trabalho muito maior.

A organização do trabalho docente e seus efeitos sobre o volume de trabalho de professores que lecionam nos anos finais do Ensino Fundamental aparecem especialmente em alguns trabalhos que analisaram reformas educacionais no Brasil. Por exemplo, a reforma educacional paulista, empreendida entre os anos de 1995 e 2000.

Moreira (2007) explica que, como parte da reforma paulista, uma das alterações



ocorreu na carga horária, pois a redução do número de aulas das disciplinas por série implicou que os docentes tivessem que trabalhar com um número maior de turmas, como ilustrou o autor:

“(…) As disciplinas de Biologia e Geografia no ensino médio, por exemplo, passaram a contar com duas aulas semanais. Por isso alguns docentes passaram a trabalhar com 16 turmas de alunos ao invés de 8 ou 9 como ocorria antes da reforma” (MOREIRA: 2007, p. 95).

Outra modificação que afetou o trabalho docente se refere ao número mínimo de alunos por turma, pois houve um acréscimo de 5 alunos em média para cada nível de ensino.

Mendes (2009) aplicou questionários a 31 professores do ensino fundamental II que atuavam em duas escolas localizadas no interior de São Paulo e identificou que os professores que atuavam em disciplinas com menor número de aulas semanais, para comporem suas cargas-horárias, trabalhavam com 15 turmas ou mais, chegando a atender um número de 600 alunos durante o ano.

Por meio do trabalho de Faria (2010), pode-se pressupor que haja uma grande diversidade de situações a que os professores paulistas podem ser submetidos em termos do volume de trabalho. Ao analisar a organização do trabalho de professores do ensino médio e fundamental II da rede pública do estado de São Paulo, os resultados apontaram que o número de turmas por professor variava de uma a quarenta. Um grupo de 18,9% lecionava para 1 a 5 turmas; 25,3% de 6 a 10 turmas; 23,2% de 11 a 15 turmas; 14,7% de 16 a 20 turmas e 5,3% de 21 a 40 turmas. A relação de alunos por professor, por sua vez, apresentou

média de 404,7 alunos, com o mínimo de 16 e o máximo de 1210 alunos por professor.

## METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS DADOS

No intuito de contribuir na discussão sobre as condições de trabalho dos professores, sobretudo a partir de informações censitárias, este estudo trata dos professores que lecionam no Ensino Fundamental II nas escolas de todo o território nacional. A partir dos microdados de professores disponíveis no Censo Escolar 2013 foi construída uma base de dados considerando os aspectos a seguir.

No que tange à função exercida na escola, foi considerado apenas o registro denominado “docente”, excluindo-se os outros possíveis (“Auxiliar de educação infantil”, “Profissional/Monitor de atividades complementares” e “Tradutor Intérprete de Libras”).

O conjunto de docentes da base de dados utilizada engloba apenas aqueles que lecionam em pelo menos uma turma no Ensino Fundamental II e atuam exclusivamente no ensino regular, não exercendo a docência nas modalidades “Educação Especial – Modalidade substitutiva” e/ou “Educação de Jovens e Adultos”. Por conta desse recorte, este estudo abrange 80,8% dos docentes do ensino fundamental II, uma vez que os demais 19,2% atuam também em outras modalidades de ensino.

Ressalta-se também que, embora o foco seja os professores EFII, os totais de turmas e de alunos não se referem apenas aos dados específicos do Ensino Fundamental II. Consideram-se também as informações desse conjunto de docentes relativas aos demais níveis de ensino, caso leccione na Educação Infantil e/ou Ensino



Fundamental I e/ou Ensino Médio. Essa decisão baseia-se no fato de que o estudo tem como eixo temático a organização e volume de trabalho do professor, e por isso supõe prudente a inclusão dessas informações.

Diante do exposto, a seguir são analisados os resultados das tabulações feitas quanto aos números médios de turmas e de matrículas por professor e alunos por turma.

## ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO DO PROFESSOR DO EFII SEGUNDO O CENSO ESCOLAR 2013

A partir dos dados apresentados na Tabela 1, pode-se observar, para o conjunto de docentes considerado nesta pesquisa, que há múltiplas combinações e arranjos possíveis em relação à organização do trabalho desses profissionais. Constata-se a possibilidade pelos docentes de exercerem a docência em mais de uma etapa de ensino, em uma ou mais escolas, e um ou mais municípios, em escolas de diferentes categorias administrativas (Federal, Estadual, Municipal e Privada) e até mesmo lecionar disciplinas muito distintas.

Em relação às etapas de ensino, verifica-se que cerca de 47% do conjunto de professores pesquisados trabalham exclusivamente nesse nível de ensino, quase 1/3 atuam no EFII e EM, 10,9% no EFII e EFI e 10,5% no EFII e outros<sup>1</sup>. Uma das possíveis explicações para a existência de um percentual elevado de professores que trabalham no EFII e EM deriva da própria organização disciplinar dos currículos desses dois níveis de ensino, uma vez que eles contam com estruturas curriculares semelhantes.

Quanto ao número de escolas em que os

docentes trabalham, verifica-se que pouco mais de 1/3 deles lecionam em duas ou mais escolas. Já em relação ao número de municípios, nota-se que 8,7% trabalham como docente em mais de uma cidade.

No que se refere à categoria administrativa das instituições em que esses professores exercem a docência, destaca-se que a maior parte deles atua exclusivamente em escolas de redes estaduais de ensino, correspondendo a 37,2% do total; outros 29,8% em redes municipais e 16,5% no setor privado. Ressalta-se ainda que 15,7% desses docentes atuam em mais de uma rede de ensino (Estadual e Municipal ou Estadual e Privada ou Municipal e Privada).

Tal diversificação na organização do trabalho pelos professores relaciona-se também com as condições de trabalho exposta aos docentes. A partir dos dados a serem apresentados a seguir, verifica-se que há diferenças expressivas entre o número de turmas e de alunos para cada docente a depender do arranjo no qual o professor está associado.

A Tabela 2 apresenta estatísticas básicas dos números médios de turmas, de matrículas e de alunos por turma dos docentes que lecionam no EFII, segundo o agrupamento, etapa de ensino e categoria administrativa das escolas. Nela é possível observar que professores com atuação exclusiva no EFII tendem a ter uma situação melhor de trabalho em termos de número de turmas e número total de matrículas quando comparada com a dos professores que também lecionam em outro nível de ensino, sobretudo dentre aqueles que estão no EFII e EM ou EFII e "outros". Enquanto que as médias de turmas e de alunos dos professores que trabalham exclusivamente no EFII são de 6,0



**Tabela 1.** Docentes em exercício no EFII, segundo a etapa, categoria administrativa, números de municípios e de escolas em que atuam.

		N	%
ETAPA	Só EFII	275.402	46,8
	EFII+EFI apenas	63.942	10,9
	EFII+EM apenas	187.669	31,9
	EFII+outros	61.627	10,5
N de Municípios	Um município	537.533	91,3
	Dois ou mais municípios	51.107	8,7
N de escolas	Uma escola	389.916	66,2
	Duas ou mais escolas	198.724	33,8
	Estadual	219.266	37,2
Categoria Administrativa	Municipal	175.495	29,8
	Em duas redes	92.226	15,7
	Privada	97.288	16,5
	Outros	4.365	0,7

**Tabela 2.** Médias de turmas, de matrículas e de alunos por turma dos docentes que lecionam no EFII, segundo o agrupamento, etapa de ensino e categoria administrativa das escolas.

		Só EFII	EFII+ EFI apenas	EFII+EM apenas	EFII+ outros	Total
Estadual	Turmas	5,9	8,5	9,6	10,4	8,0
	Matrículas	177,0	223,8	289,5	277,5	237,5
	Alunos por turma	29,4	25,6	30,0	25,8	29,4
Municipal	Turmas	5,8	8,0	8,9	7,0	6,4
	Matrículas	157,6	198,3	239,7	149,6	164,8
	Alunos por turma	26,1	23,9	26,1	20,3	25,1
Em duas redes	Turmas	9,7	9,7	12,6	13,3	12,0
	Matrículas	273,6	254,6	375,3	349,2	339,5
	Alunos por turma	27,9	25,8	29,4	25,8	28,0
Privada	Turmas	5,2	9,6	9,7	15,2	8,6
	Matrículas	134,3	200,7	272,3	330,5	213,9
	Alunos por turma	24,2	19,7	26,7	21,0	23,9
Outros	Turmas	5,3	14,1	13,6	17,4	12,5
	Matrículas	154,5	351,2	407,8	463,5	358,3
	Alunos por turma	29,3	24,9	29,9	26,6	28,8
Total	Turmas	6,0	8,7	10,4	11,5	8,3
	Matrículas	167,2	211,2	308,8	279,0	228,8
	Alunos por turma	27,1	23,4	29,3	23,2	27,0



e 167,2, respectivamente, entre os professores com jornadas de trabalho no EFII e EM a média de turmas é 10,4 e de alunos é 308,8, ou seja, um aumento de mais de 73% em relação ao número de turmas e de 85% em relação ao número de alunos.

Outra constatação importante diz respeito à análise dos dados segundo os diferentes agrupamentos de categoria administrativa das escolas nas quais os docentes lecionam. A situação em termos de número de alunos e de turmas para os docentes que trabalham apenas em redes municipais é melhor em relação aos demais agrupamentos, uma vez que suas médias são de 164,8 e 6,4, respectivamente.

Dentre os professores das redes estaduais e das escolas privadas, embora possuam médias relativamente semelhantes de número de turmas (8,0 e 8,6, respectivamente), destaca-se que a diferença entre eles se dá notadamente quando observados os números médios de alunos por turma, tendo os professores das escolas privadas, em média, uma situação comparativamente melhor, já que possuem menores médias de alunos (213,9 no setor privado e 237,5 em redes estaduais) e de alunos por turma (23,9 no setor privado e 29,4 em redes estaduais).

As maiores médias de total de alunos (alunos por turma e número de turmas por professor) se apresentam para os docentes que atuam em mais de uma rede. Comparativamente aos docentes que trabalham apenas em redes municipais, esse grupo tem praticamente o dobro de turmas e de alunos. Quando cruzadas as informações sobre a categoria administrativa das escolas e a etapa de ensino, nota-se que a situação mais preocupante é a do professor que atua, ao mesmo tempo, em mais

de uma rede e no EFII e EM. Esse grupo de professores em média possui 12,6 turmas, leciona para um total médio de 375,3 alunos e tem em cada sala de aula uma média de 29,4 alunos.

Outro aspecto relevante para a análise das condições de trabalho docente diz respeito ao número de escolas em que atuam. A Tabela 3 apresenta estatísticas dos números médios de turmas, de matrículas e de alunos por turma, segundo o agrupamento de categoria administrativa das escolas e número de unidades que os docentes lecionam. A comparação entre os grupos de professores que trabalham em apenas uma escola e dos que lecionam em mais de uma unidade permite observar que o segundo grupo possui médias de turmas (11,4) e de matrículas (315,5) bem superiores ao dos professores que atuam em apenas uma escola (6,7 e 184,6, respectivamente).

Em relação ao agrupamento de categoria administrativa, verifica-se melhor situação no grupo de professores de escolas de redes municipais e que lecionam em apenas uma escola, com médias de 5,6 turmas por professor e 147,5 matrículas. O grupo de professores de escolas do setor privado e que lecionam em apenas uma escola, embora tenham sido registradas médias de turmas por professor muito semelhantes à encontrada dentre o grupo de docentes de redes estaduais (7,1 e 7,3, respectivamente), a média de alunos por turma (23,3 no setor privado e 29,6 em redes estaduais) e a média de matrículas (172,9 no setor privado e 219,7 em redes estaduais) são bem inferiores.

Dos professores que lecionam em mais de uma escola, verifica-se melhor situação daqueles que atuam apenas em redes



municipais. Por outro lado, dentre os professores que atuam em mais de uma escola na rede privada as médias de turmas (13,4) e de alunos matriculados (346,2) são mais elevadas quando comparadas às demais categorias de análise, até mesmo daqueles docentes que lecionam em mais de uma rede de ensino.

Nota-se que em todos os agrupamentos de categoria administrativa analisados, os professores que lecionam em mais de uma escola tendem a ter maiores médias de número de turmas e de matrículas, quando comparados com os que atuam em apenas uma escola.

Sabe-se que há diferenciações impor-

tantes em relação ao número de turmas e de alunos por professor, a depender das disciplinas ministradas. Tal diferença pode ser explicada, em grande parte, devido ao fato da diversidade de carga horária entre as disciplinas, sobretudo na comparação entre Língua Portuguesa e Matemática e, por exemplo, Geografia, História, Ciências, Artes, Língua Estrangeira. As duas primeiras concentram grande parte das horas-aula da grade curricular das escolas.

Por conta disso, na Tabela 4 a seguir, são apresentadas algumas estatísticas dos números médios de turmas e de matrículas dos docentes que lecionam no EFII, segundo os agrupamentos de disciplinas lecionadas e etapa de ensino<sup>2</sup> [Tabela 4].

**Tabela 3.** Médias de turmas, de matrículas e de alunos por turma dos docentes que lecionam no EFII, segundo o agrupamento de categoria administrativa das escolas e número de unidades em que lecionam.

		Uma escola	Duas ou mais escolas	Total
Estadual	Turmas	7,3	10,6	8,0
	Matrículas	219,7	306,2	237,5
	Alunos por turma	29,6	28,8	29,4
Municipal	Turmas	5,6	9,2	6,4
	Matrículas	147,5	233,7	164,8
	Alunos por turma	25,1	25,0	25,1
Em duas redes	Turmas		12,0	12,0
	Matrículas		339,5	339,5
	Alunos por turma		28,0	28,0
Privada	Turmas	7,1	13,4	8,6
	Matrículas	172,9	346,2	213,9
	Alunos por turma	23,3	25,7	23,9
Outros	Turmas	5,6	15,4	12,5
	Matrículas	162,5	440,7	358,3
	Alunos por turma	29,2	28,7	28,8
Total	Turmas	6,7	11,4	8,3
	Matrículas	184,6	315,5	228,8
	Alunos por turma	26,8	27,4	27,0



De modo geral, pode-se distinguir três grandes grupos de disciplinas de acordo com as distribuições médias de turmas e de alunos por professor. O primeiro diz respeito ao grupo de professores que lecionam Língua Portuguesa e Matemática, o segundo aos docentes de Ciências, Biologia, Química e Física, História e Geografia e o terceiro ao grupo dos profissionais de Línguas Estrangeiras e Artes ou Educação Física.

Como já indicado anteriormente, verifica-se que os professores que lecionam Língua Portuguesa ou Matemática tendem a ter menores números de turmas e de matrículas, quando comparados aos professores das demais disciplinas. Enquanto que para os professores de Português e Matemática os números médios de turmas são de 6,4 e 6,1, respectivamente; para os que lecionam Artes, Educação Física ou Línguas Estrangeiras tais médias são superiores ou iguais a 9,2.

Em relação ao número médio de alunos por professor, verificam-se também

diferenças expressivas quando comparados os diferentes grupos de professores mencionados. Para os professores do primeiro grupo (Língua Portuguesa ou Matemática) as médias de alunos são de 173,3 e 164,8, respectivamente. Por outro lado, nos demais conjuntos, essas médias são superiores, sobretudo entre aqueles professores que ministram disciplinas de Língua Estrangeira (258,5) ou Artes e Educação Física (244,8). Os professores de Geografia e História e os de Ciências da Natureza (Ciências, Química, Física e Biologia) podem ser considerados o grupo intermediário em relação ao número de turmas e de matrículas, já que suas médias de turmas variam de 7,2 a 7,8 e o de alunos de 194,4 a 214,4.

Destaca-se também que em todos os agrupamentos de disciplinas analisados, os professores que lecionam no EFII e EM tendem, em média, a ter números de alunos e de turmas mais elevados, quando comparados aos demais agrupamentos de etapa.

Diante das informações sobre a

**Tabela 4.** Números médios de turmas e de matrículas dos docentes que lecionam no EFII, segundo os agrupamentos de disciplinas lecionadas e etapa de ensino.

		Língua Portuguesa	Matemática	Biologia, Ciência, Química e Física	História e Geografia	Línguas Estrangeiras e Língua Indígena	Artes e Educação Física
Só EFII	Turmas	4,9	4,7	5,6	6,3	6,7	6,6
	Matrículas	134,5	129,2	154,1	174,0	184,6	180,9
EFII+EFI apenas	Turmas	5,8	5,3	5,4	5,6	9,2	8,2
	Matrículas	140,5	127,8	129,5	133,4	212,1	200,5
EFII+EM apenas	Turmas	8,8	8,5	10,2	11,3	11,7	12,0
	Matrículas	258,1	249,1	298,5	333,3	343,5	354,2
EFII+ outros	Turmas	7,8	7,0	7,5	7,7	12,5	12,1
	Matrículas	187,3	168,7	178,0	184,7	295,8	290,0
Total	Turmas	6,4	6,1	7,2	7,8	9,6	9,2
	Matrículas	173,3	164,8	194,4	214,4	258,5	244,8

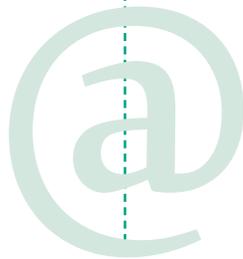


organização e do volume do trabalho dos professores analisadas neste estudo, pode-se considerar que a carreira docente possibilita diferentes arranjos, vislumbrando uma diversidade na organização do trabalho em termos de carga horária, local de trabalho, nível de ensino, disciplinas ministradas, número de empregadores etc.

Diferentes arranjos “provocam” situações de trabalho muito diferentes em termos de número de turmas e de alunos por professor. Identificam-se tendências de melhores condições de trabalho entre os professores que lecionam exclusivamente em uma rede de ensino e em uma unidade escolar. Por outro lado, é possível que as

situações de trabalho menos desejadas em termos de número de turmas e de alunos sejam daqueles que atuam sobretudo no EFII e EM e em mais de uma escola.

Tais informações apontam para a necessidade de aprofundarmos nossos conhecimentos em relação à carreira de docente. Sugere-se a análise mais detalhada dos dados produzidos em relação à docência, especialmente dos disponibilizados anualmente pelo INEP por meio do Censo Escolar, para a avaliação e aprimoramento das políticas relativas às condições de trabalho docente.



## NOTAS EXPLICATIVAS

- 1 A categoria “outros” refere-se ao grupo de professores que lecionam em mais de dois níveis de ensino (por exemplo: EI, EFI e EFII ou EFII e nas etapas relativas à educação profissional ou no ensino fundamental multietapa ou ensino fundamental de 9 anos – correção de fluxo).
- 2 Para o processamento das estatísticas de cada um dos grupos de disciplinas, foram considerados, além das informações dos professores que lecionam apenas a(s) disciplina(s) do agrupamento, os dados referentes ao número de turmas e de matrículas das demais disciplinas ministradas, caso isso ocorra. Ou seja, as informações do professor que leciona Matemática e Física, por exemplo, foram computadas tanto no grupo de professores de Matemática como no grupo que compreende as disciplinas de Biologia, Física, Ciências e Química.



## REFERÊNCIAS

**DIAS-DA-SILVA,** Maria Helena. G. F.; Fernandes, Maria José. S. As condições de trabalho dos professores e o trabalho coletivo: mais uma armadilha das reformas neoliberais?: In: Seminário da rede latino-americana de estudos sobre o trabalho docente – rede estrado, 6. 2006: Rio de Janeiro: UERJ, nov 2006.

**FARIA,** Graciela Santujá S. Organização do trabalho do professor: jornada, contrato e conflitos trabalho-família. São Carlos: UFSC, 2010, 173 p.

**INEP.** Estudo exploratório sobre o professor brasileiro com base nos dados do Censo Escolar da Educação Básica 2007. Brasília: INEP, 2009.

**LOPES,** Andressa P.; **PONTES,** Édel A.S. Síndrome de Burnout: um estudo comparativo entre professores das redes pública estadual e particular. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPP), v. 13. n. 2. p. 275-281. jul/dez 2009.

**MAIA,** Paola A. As condições do trabalho docente e suas interferências na saúde mental do professor: um estudo sobre as licenças médicas. Sorocaba: UNISO, Universidade de Sorocaba, 2010. 160 p.

**MENDES,** Célia M.L. Magistério: vocação ou sofrimento? Percepções de professores acerca do cotidiano escolar num contexto de precarização e intensificação do trabalho docente. Ribeirão Preto: CUML, Centro Universitário Moura Lacerda, 2009. 76 p.

**MIRANDA,** Kênia. As transformações contemporâneas no trabalho docente: repercussões em sua natureza e seu processo de trabalho. In: VI Seminário da rede latino americana de estudos sobre o trabalho docente- rede estrado, n. 6. 2006, Rio de Janeiro: UERJ, nov 2006. 12 p.

**MONFREDINI,** Ivanise. Profissão docente na instituição escolar: a historicidade das práticas e culturas profissionais. In: VI Seminário da rede latino-americana de estudos sobre o trabalho docente – rede estrado, n. 6. 2006, Rio de Janeiro: UERJ, nov 2006. 21 p.

**MOREIRA,** Elias E. A reforma educacional Paulista entre 1995-2000 e o trabalho docente. Piracicaba: UNIMEP, Universidade Metodista de Piracicaba, 2007. 155 p.

**NEVES,** Siduana F. Trabalho docente e qualidade de vida na rede pública de ensino de Pelotas. Pelotas: UCP, Universidade Católica de Pelotas, 2008. 105 p.

**RODRIGUES,** Janete A. O mal-estar docente: trabalho, saúde e educação. Joaçaba: UNOESC, Universidade do Oeste de Santa Catarina, 2009. 153 p.

**SANTOS,** Terezinha F. A. M. A gestão do trabalho docente do ensino básico público em Belém frente a autonomia das escolas: algumas considerações. In: Seminário da rede latino-americana de estudos sobre o trabalho docente – rede estrado, 6. 2006. Rio de Janeiro: UERJ, nov 2006. 11 p.

**RECEBIDO** em 16/08/2014

**APROVADO** em 18/09/2014